

07-08-2020

## PRISÃO DE VENTRE

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

A lógica vital do corpo humano parece ser simples: tudo que coloca em cima, sai embaixo. Contudo, entre a boca e o ânus, ou seja, entre o sistema de entrada e saída, um enorme e complexo sistema de tubulação dá corrente ao alimento e a tudo que entra no corpo. Sem alimento é impossível sobreviver. Mas a boca é também um sistema de saída: dela saem palavras, impropérios, declarações de amor, saliva e as estrelas do céu que, num beijo apaixonado, encontram a boca da outra pessoa para produzir o espetáculo: o beijo.

E, então, os beijantes fundem a alma na saliva para uma mudança climática instantânea, às vezes dando início a uma irrupção vulcânica. Entretanto, numa sociedade patológica, sob comando dos impérios agroalimentares e das grandes corporações, latifúndios e conluios entre o Estado e os laboratórios que produzem as sementes homicidas, o alimento que desce à boca carrega o inferno. Ou melhor: leva o inferno para o intestino. O alimento, pai de qualquer saúde, torna-se mãe do adoecimento. Não bastasse o fato de provocar o adoecimento do trabalhador, o regime de pressão sobre a produtividade do trabalho; as ameaças iminentes de desemprego; o incentivo à competição entre os trabalhadores; os efeitos deletérios na subjetividade face à hierarquização dos resultados do trabalho, como os prêmios ao trabalhador da semana, do mês; os baixos salários; a instabilidade econômica e o corte de direitos previdenciários, intercedem no sistema de tubulação orgânico do país. Onde se vislumbra: toda forma de exploração causa prisão de ventre. Pode-se, em razão disso, afirmar: o país está com a bosta entalada. O Brasil possui bosta até na garganta.

O Brasil sofre de prisão de ventre – devemos repetir.

A bosta é tão grande que ocupa os rins, o esôfago, as coronárias, as veias, o baço, o fígado, as pernas, a virilha, o umbigo, a nuca e até os cabelos. Como se sabe, não adianta lambuzar-se de perfume; tomar banho em água quente três vezes por dia; comprar roupas coloridas ou pentear os cabelos com shampoo brilhante; ir à benzedeira; comprar remédios de um laboratório inglês. Nada adianta: a prisão de ventre de um país não possui dissimulação. Quando o interior e o fundamento de país são fétidos, o organismo não funciona. O pior é que se a bosta perpetua desde os coronéis dos engenhos do período colonial; escravocratas revestidos de ruralistas; mandatários de cartórios; latifundiários grileiros; juízes submissos aos jagunços; vendilhões de templos; militaristas retrógrados, ela se petrifica. No Brasil, a prisão de ventre é um entalo histórico. O Brasil precisa cagar com urgência! O nosso problema é a prisão de ventre.

Mas o Brasil caga destemperadamente pela boca.

O nosso problema é a verborreia. Aliás, outro dia numa conversa séria com uma amiga, ao lhe propor uma campanha para fazer o país cagar, ela, com tino filosófico, me fez duas perguntas: *o que faz a bosta ficar entalada não é o mesmo fundamento que causa diarreia verbal?* Antes dela fazer a segunda pergunta, tratei de lhe passar palavras: de fato, o mesmo país que não caga, é tomado hoje pela verborreia. Somos um país que sofre desse antagonismo: bosta entalada e palavras cagadas.

Há gente, instituições, grupos e setores que estão cagando verbalmente por meio de *fakenews*; vendendo um Jesus com jeito fascista e de braços dados com o autoritarismo cínico. Ademais há bosta presa na boca de juizes que vendem sentenças; no congresso nacional que ajuda a demolir os direitos trabalhistas; nos senadores que barganham cargos e verbas; em gente que vai para a rua protestar contra a democracia. O Brasil atual sofre de verborreia. As universidades também cifram verbos com péssimos cheiros, e, ainda, verbos hipócritas, negociadores, vazios. Contribuem para o mau-cheiro.

A minha amiga, por fim, fez a outra pergunta: *seria possível inventar um laxante ético para o país?*

Tive que rodopiar a mente, visitar Freud e Salomé; avivar palavras de Thomas Morus até chegar em Manoel de Barros... Busquei em meus amigos e amigas, por meio de sua experiência amorosa, a resposta.

Gente que não ama e teme amar; pessoas que têm um sentimento de posse e fazem da propriedade de bens a sua própria prisão; os sovinas que olham o mundo e destinam o seu tempo apenas para ganhar dinheiro e nunca para o prazer e para a colaboração; os especuladores que vivem de estratégias de enganação; todos os exploradores que manuseiam os músculos, o tempo e a criação de outrem; os que, também, possuem prisão verbal e nunca dizem “eu te amo”; os espertalhões; os estrategistas; os egoístas; os ególatras... os que são mais ligados a etiquetas que à vida, por isso, temem que cagar é feio; os que querem estar no púlpito o tempo inteiro... esses sofrem e sofrerão de prisão de ventre. Esses precisam de laxantes éticos.

Mas o pior é quando no país há dirigentes que praticam, inclusive, por incompetência, maldade e destempero, a verborreia... Cagam pela boca e prendem bosta no estômago e no coração. O Brasil precisa de laxante!

É uma questão urgente. Cagar é para nós um dever ético. Mas segundo fui informado, todos aqueles que seguem o itinerário dos coronéis do engenho do açúcar, dos escravocratas, dos latifundiários grileiros e dos militaristas autoritários tendem a morrer com bosta no pulmão soltando bosta verbal para ludibriar os trabalhadores. Querem um país preso e oprimido.

Resta ao trabalhador lutar por um corpo sadio.

É usar a boca para beijar a justiça.

■ ■ ■